

Editorial

Este número da *Pro-Posições* mergulha no debate contemporâneo sobre a Universidade, que passa atualmente por mais um momento delicado de resistência aos ataques à sua autonomia. Nada mais difícil do que, nesta fase do capitalismo, manter suas características “pré-capitalistas” e continuar lutando por uma educação pública, gratuita e laica em todos os níveis. Nossos editoriais sempre vêm acompanhando o momento político e, desta vez, para falar da importância da universidade também na formação dos/as professores/as, garantindo a permanente articulação pesquisa-ensino-extensão, daremos a palavra a um dos membros de nosso Conselho Editorial, recentemente falecido, nosso colega da Unicamp, Professor Octavio Ianni. Não tendo visto seu artigo publicado no número 43 da *Pro-Posições*, Ianni foi lembrado no editorial do número anterior (44) pela falta que fazia no movimento grevista pelo qual estávamos passando nas universidades públicas estaduais paulistas. Neste número, acompanhando o dossiê sobre Universidade, reproduzimos parcialmente a palestra “O Ensino das Ciências Sociais no 1º e 2º Graus”, por ele proferida, em 1985, para professores/as da rede estadual paulista, quando, a convite da (hoje) nossa colega – Professora Aparecida Neri de Souza – apresentou à CENP (Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas da Secretaria de Estado da Educação de São Paulo) uma sugestão de temáticas para o ensino das Ciências Sociais: cidade e campo, o trabalho livre, urbanização, industrialização, classes sociais, raças e etnias, movimentos sociais e partidos políticos, sociedade civil e sociedade e formas de Estado. Assim, gostaríamos de render mais esta homenagem ao querido colega, que permanece vivo entre nós através da força de suas idéias, encontradas numa incomum obra acadêmica, engajada, de altíssimo nível e, também, através de tantas outras formas, pois sempre trabalhou e lutou em defesa de uma Universidade que possibilitasse o livre pensar e o pensar militante autônomo. Esta palestra, proferida há 20 anos, é uma das demonstrações disto: seu compromisso com a educação pública em todos os níveis e com um permanente investimento na formação docente.

As Ciências Sociais no 1º e 2º graus, particularmente a Sociologia, constituem o tema da minha palestra de hoje. Pretendo apresentar alguns problemas e sugestões que me ocorrem a propósito do trabalho do professor no campo das Ciências Sociais, concentrando-me, em seguida, em alguns temas relativos à Sociologia, a título de exemplificação.

Acho válido situar o problema nas Ciências Sociais, tomadas como um todo, a despeito de todos reconhecerem que há a Sociologia, a Geografia, a Ciência Política, a Antropologia, a Biologia e a História, cada qual com as suas especificidades. A rigor, as Ciências Sociais guardam entre si um compromisso muito forte, e a divisão do trabalho entre elas é uma divisão que decorre muito mais das Instituições em que se desenvolveram e do trabalho acadêmico de Centros de Pesquisas, entre outras condições. Na verdade, todo o economista tem um pouco a ver com a política; o sociólogo, com economia e assim por diante. É difícil encontrar uma contribuição de um cientista social ou uma discussão de Sociologia, Antropologia, Geografia, Psicologia, História que não implique necessariamente conhecimentos advindos de outros campos no âmbito das Ciências Sociais. Isto é um dado de fato e não constitui um obstáculo, mas uma vantagem. É um privilégio para o cientista social, quer seja o sociólogo, o antropólogo, o psicólogo ou o historiador, poder lidar com uma problemática complexa e desafiadora como o fato social.

O problema preliminar que se coloca no trabalho do professor de Ciências Sociais surge no âmbito de 1º e 2º graus e, também no 3º grau. Como mobilizar o conhecimento de que o aluno já dispõe e, ao mesmo tempo, levar ao aluno novos conhecimentos? Seria ilusório um professor trabalhar com seus alunos imaginando que eles não sabem nada ou que nada conhecem. Não! Através do rádio, da televisão, do jornal, da família e de outros meios, eles já ouviram falar sobre diferentes temas que têm muito a ver com o campo das ciências sociais e que estão no universo cotidiano de todos, inclusive das crianças, quer seja Tiradentes, o escravo, o índio ou o governo. Embora seja uma vantagem o fato de o aluno já ter ouvido falar de Tiradentes, a abordagem de tal assunto constitui um desafio para o professor. Isto porque cabe ao professor situar historicamente Tiradentes no contexto em que aparece, ou seja, o significado social, político e histórico da façanha de Tiradentes.(...)

Um dos desafios que o professor tem de enfrentar permanentemente, do primeiro ao último dia de aula, é trabalhar com o senso comum e, ao mesmo tempo, desenvolver uma visão crítica desse senso comum. Depara-se com uma visão que parece "científica", oficial, sacramentada, mas na verdade é uma visão equívoca dos fatos sociais. E isto ocorre na Sociologia, História ou Geografia e outras Ciências Sociais. O trabalho do professor vai implicar sempre e necessariamente uma crítica, submetendo a ela todo o conhecimento prévio de que o aluno dispõe; inclusive as interpretações consideradas sacramentadas.(...)

Trabalhamos num ambiente muito rico culturalmente e desafiante. Qual é maneira de trabalhar esses desafios? Como é que se supera a visão do senso comum e se atinge uma visão um tanto quanto possível científica do conhecimento?

Sem entrar na controvérsia sobre esta ou aquela teoria científica, há algo que faz parte do patrimônio das Ciências Sociais, que é a constatação de que os fatos da vida social, em sentido lato, históricos, econômicos e geográficos, psicológicos, sociológicos, antropológicos, são fatos que apanham a realidade social em movimento, em modificação e em transformação.

Ainda que se circunscreva e concentre a análise do fato social em certos momentos, é preciso apanhar o movimento social. Aí está a chave para o trabalho crítico sobre o conhecimento prévio que o aluno tem, a chave para o próprio trabalho crítico que se desenvolve e a chave para o conhecimento novo que está sendo produzido.

O “norte” do trabalho crítico é que tudo é movimento, transformação. Ainda que as coisas pareçam paradas, elas estão gestando a modificação. Às vezes o movimento não é claro, não é visível, não é transparente, mas está acontecendo; outras vezes, o movimento é muito abrupto, forte e visível, por exemplo, num processo eleitoral, numa greve, num golpe de estado, numa revolução. Não há dúvida de que os acontecimentos citados são nítida e limpidamente de transformação. Como é que aconteceu a greve? Através de um processo de gestão, que consiste na análise das condições de trabalho, dos níveis salariais, das elevações dos preços dos gêneros alimentícios, dos transportes e da situação da assistência médica; enfim, é todo um trabalho intelectual que os trabalhadores realizam e que resulta na greve. Assim, gerada durante meses e anos, finalmente ela se precipita e se apresenta num certo contexto.

Sempre há controvérsias teóricas sobre o “norte” possível, mas todas as abordagens no âmbito das Ciências Sociais reconhecem que o social é movimento. O professor pode discorrer sobre o índio, escravo, Tiradentes ou qualquer conhecimento social, trabalhando os dados e as relações, procurando colher elementos que permitam levar ao estudante e a si mesmo a idéia de que a realidade social é movimento. Para isso, é preciso que o professor se convença dessa dimensão essencial da realidade. É muito importante a idéia de que tudo é movimento no mundo social. Por exemplo, entramos numa sala como esta de um jeito e saímos de outro, pouco ou muito mudados. Saímos influenciados, beneficiados, questionados, criticados. Alguma coisa aconteceu, não somos mais os mesmos. Enfim, tudo é modificação. Este é um “segredo” extremamente importante do pensamento científico. Pode ser trabalhado intelectualmente, de modo a garantirmos a descoberta de um dos critérios fundamentais da explicação científica.(...)

Dessa forma, trabalhar os fatos sociais, no sentido lato, como movimento, é uma maneira de recuperar a historicidade do social, evitando-se a “naturalização”. E isto

é fundamental em todas as Ciências Sociais. O que ocorre com as noções de senso comum é que elas são clichês, estereótipos, que levam de contrabando a idéia de que os fatos são “naturais” e que as coisas acontecem inevitavelmente, por razões totalmente alheias ao campo social. Portanto, uma maneira de evitar a “naturalização” do social é reconhecer que o social é movimento.(...)

Todo trabalho intelectual que se faz em sala de aula, ao se discutir um tema, implica necessariamente uma crítica do conhecimento prévio que o aluno tem e –por que não? – uma crítica do conhecimento que o próprio professor tem, construindo novas noções, conceitos e interpretações. E volto àquela sugestão de que um segredo fundamental das Ciências Sociais é resgatar o real como movimento, pois isso significa resgatar o real como vida, como atividade, como relações.

Todos os cientistas sociais - o historiador, o geógrafo, o antropólogo, o sociólogo, o psicólogo – estudaram a sua realidade lidando com relações, processos, estruturas que são sociais, políticos, econômicos, culturais, demográficos e assim por diante. Relações, processos e estruturas são noções extremamente fundamentais na construção do pensamento das Ciências Sociais. O homem é relação social. Os fatos sociais são relações sociais que criam as coisas e nos criam a nós mesmos. Eu posso não saber o que sou, mas aqui, neste momento, sou professor. Num outro contexto, posso ser outra coisa. O mesmo é válido para vocês: alguns são professores que estão aqui como alunos devido a este contexto de aula, debate, mas vocês, também, são filhos, mães, pais etc... São as relações sociais que constituem o ser social em qualquer contexto. Neste sentido, é importante ter em mente os nexos fundamentais, ou seja, a anatomia social no sentido lato. A anatomia do social é essencialmente movimento e o movimento se desdobra, se especifica, se revela em relações, processos e estruturas.

Gostaria de ir adiante e colocar alguns problemas nessa direção; todas as Ciências Sociais não apenas lidam com o objeto que é movimento, que é vivo e precisam, de alguma maneira, especificar as relações, os processos e as estruturas que constituem o seu objeto, mas também precisam se perguntar o que é “social” em última instância. A nossa tendência, no cotidiano, é de “naturalizar” as coisas. Nós comemos, dormimos, trabalhamos e tudo isto é natural, mas, na verdade, existe algo muito mais profundo. Toda sociedade humana, seja o habitante de São Paulo, o camponês ou os indígenas precisam trabalhar para desenvolver a sua vida.

Quer dizer que há determinações fundamentais, na constituição da vida social, que podem ser resgatadas, conforme o tema que estamos trabalhando. Se discutirmos o bóia-fria, o índio ou a escravidão, detalharemos as condições sob as quais as pessoas vivem, trabalham e como esse trabalho implica uma distribuição do produto de uma determinada forma.

Como se disse anteriormente, o primeiro elemento na descoberta social é o movimento, pois tudo é movimento e transformação. Porém, há um segundo elemento

que fundamenta essa constatação, que é o trabalho. Em todos os campos das Ciências Sociais é preciso desvendar as condições sob as quais as pessoas trabalham. Entenda-se como trabalho não o seu sentido mais estrito de trabalhar na fábrica, na fazenda, na casa ou na escola, e sim no sentido mais amplo da práxis da filosofia hegeliana: a atividade material e espiritual que todos desempenham cotidianamente. Mesmo durante o sono o indivíduo "trabalha", modifica-se, o espírito e o organismo não estão paralisados.

Tudo é trabalho. O ser humano é trabalho, ele se faz no trabalho, criando e se recriando. Quando uma pessoa, um artesão faz uma cadeira, um tecido, um bordado, uma pintura, enfim, um objeto, ele se expressa nessa criação. Transforma sua energia física e espiritual em outra coisa que passa a ser parte de seu mundo.

Convém não esquecer que o trabalho é também um ato espiritual, que envolve objetivos e valores. O ser humano tem a singularidade de pensar e organizar a sua prática, segundo valores que não são necessariamente pragmáticos, científicos e funcionais, que podem ser mágicos, religiosos e utópicos.

Vamos, agora, inserir o 3º. elemento de descoberta da vida social. O 1º. é o movimento, o 2º. é o trabalho e o 3º. é sempre alguma consciência, alguma idéia ou algum compromisso espiritual no seu sentido mais lato, às vezes, é mesmo intelectual, às vezes é religioso e às vezes é simplesmente político. Há os mais diferentes valores e idéias envolvidos na organização da vida social e que são fundamentais na compreensão das relações sociais.

Em síntese, apresentei a idéia de como se desenvolve um trabalho crítico com os estudantes. Porém, não um trabalho que faz a crítica abstrata, ideológica, e sim que faz a crítica para a compreensão científica do real. Essa compreensão científica, no campo das Ciências Sociais, será tanto mais científica quanto melhor for a apreensão do real, enquanto movimento e transformação.(...)

Não é verdade que a sociedade está dada, pronta e definitiva. Para alguns interessa que ela se mantenha como está e para outros, que se modifique. Portanto, a sociedade é uma criação coletiva, que está sendo recriada continuamente e organiza-se de diferentes formas e modalidades. Há épocas da história da sociedade em que se abrem vários graus de liberdade, várias possibilidades de transformação, e há outras épocas em que quase não aparecem perspectivas, porque a sociedade caminha numa direção autoritária. A análise do golpe de 64 ou da Revolução de 30 pode ser feita nessa perspectiva.

Apresentei até aqui apenas alguns eixos para o trabalho docente com as Ciências Sociais no 1º. e 2º. graus. É importante que o professor não leve ao aluno uma interpretação fechada, e sim, os relatos, os dados pertinentes para o conhecimento de uma situação de forma tão flexível quanto possível. Faz parte do trabalho do professor

ajudar o estudante a pensar livremente, criticar aquilo que está sendo apresentado. Isto é Política, Economia, Sociologia e as outras Ciências Sociais. Todos os professores, cada um a seu modo, uns conscientemente e outros não tão conscientemente, têm uma posição política, mesmo aqueles que ilusoriamente se dizem neutros. Ser neutro é uma posição política muito especial. Neste sentido é que o espírito crítico deve estar presente também na crítica do educador.(...)

Aqui voltamos a um problema inicial da nossa discussão: o problema da democratização da escola. A participação de pais, alunos, professores e funcionários faz parte do processo de democratização da escola. Mas há um elemento fundamental para esse processo, sem o qual a escola nunca será democrática. Trata-se do desempenho do professor. Se colocar os meios do saber e o próprio saber à disposição de todos, para que todos possam participar desta realização, estará superando resquícios autoritários de uma determinada situação de ensino e estará desenvolvendo valores, atitudes e sentimentos democráticos, evitando que as pessoas se inibam, que os estudantes tenham constrangimentos ao falar. Isso não é só um problema pedagógico, é um problema político, de democracia.

A escola é autoritária não por si só, mas sim porque está inserida numa sociedade que é autoritária. Na verdade, a democratização da vida social das Instituições é um desafio fundamental e necessário para a democracia no nível da sociedade. É importante que possamos votar para Presidente, mas é importante, também, que tenhamos um diálogo democrático com os alunos, com os colegas de trabalho, com os membros da família etc. A democracia, então, se torna mais ampla e passa a ser cultura, vivência das pessoas.

É na escola, além do emprego, da atividade profissional, que o jovem faz a passagem da "sagrada família", que é um lugar comunitário, para o mercado, a sociedade. Aí, portanto, pode exercitar uma visão democrática, humanística da cultura e do próprio ser humano.

Espero ter ajudado a recolocar alguns problemas que estão no horizonte de vocês.

Muito obrigado.